

---

## REVISÃO SISTEMÁTICA: O QUE NÃO É, PARA QUE SERVE, COMO FAZER E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CIÊNCIA POLÍTICA

### SYSTEMATIC REVIEW: WHAT IT'S NOT, WHAT IT'S FOR, HOW TO DO IT AND ITS CONTRIBUTION TO POLITICAL SCIENCE

#### Resumo

Este artigo se insere no contexto das discussões metodológicas apresentando os limites e as possibilidades do uso de Revisões Sistemáticas na Ciência Política e nas Ciências Sociais de maneira geral. Trata-se de uma Revisão Narrativa que buscou na literatura internacional e nacional o atual estado da arte sobre revisões bibliográficas com a finalidade de evidenciar as potencialidades de métodos mais sofisticados para as revisões em nosso campo. Além de descrever as etapas do processo da elaboração de uma Revisão Sistemática, o presente artigo discute as principais críticas feitas em oposição à adoção desse tipo de revisão de literatura nas ciências sociais, como as que dizem se tratar de uma abordagem meramente quantitativa, positivista e vazia de teoria. A partir das discussões é possível compreender as Revisões Sistemáticas como uma pesquisa em si mesma, tendo fins diferentes aos de outras formas de revisão, não se colocando como uma concorrente, mas se dispondo como uma outra ferramenta para o arcabouço do cientista político.

**Palavras-chave:** revisão sistemática; metodologia; meta-análise; ciência política.

#### Abstract

This article is in the context of methodological discussions presenting the limits and possibilities of using Systematic Reviews in Political Science and Social Sciences in general. This is a Narrative Review that searched international and national literature for the current state of the art on bibliographic reviews with the aim of highlighting the potential of more sophisticated methods for reviews in our field. In addition to describing the stages of the process of preparing a Systematic Review, this article discusses the main criticisms made in opposition to the adoption of this type of literature review in the social sciences, such as those that say it is a merely quantitative, positivist and theory-empty approach. From the discussions it is possible to understand Systematic Reviews as a research in itself, having a different purpose to those of other forms of review, not positioning itself as a competitor, but offering itself as another tool for the political scientist's framework.

**Keywords:** systematic review; methodology; meta-analysis; political science

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal da Bahia (PPGCP/UFBA). eduardo.grizenti@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

Não importa o tamanho do ego, o fato é que na ciência somos todos *nanos gigantum humeris insidentes*. Essa expressão, que se consolidou no mundo científico desde que Newton a escreveu em uma carta para Robert Hooke, em 1665, argumentando humildemente que se ele viu mais longe foi “por estar sobre os ombros de gigantes” (Newton, 1965, tradução nossa<sup>2</sup>) demonstra o quanto o exercício de revisão de trabalhos anteriores é importante para a ciência, mesmo em ciências que a ontologia do conhecimento não seja cumulativa, como nas ciências sociais.

É parte integrante em qualquer publicação científica a revisão de bibliografia sobre o tema tratado, sendo comum ser vista como um pressuposto do fazer acadêmico, condição sem a qual não poderia haver pesquisa. Embora essa concepção esteja correta, ela esconde minúcias, particularidades, potencialidades e diversidade. Nas ciências sociais, a forma mais comum de se fazer revisão de literatura é a que chamamos de Revisão Narrativa de Literatura, uma revisão bibliográfica com critérios não definidos ou pouco definidos, limitada em escopo e com a função de argumentar acerca de um ponto, seja para o fortalecer ou o desconstruir. Além dessa existem outras formas de se fazer revisão de literatura, cada uma tendo um método e um objetivo, como a revisão de escopo, a revisão integrativa e a revisão que tratarei neste balanço metodológico: a Revisão Sistemática (RS).

É possível usar a expressão revisão sistemática como um guarda-chuva que abarca vários tipos de revisão de literatura em que há certo nível de sistematização da busca, da análise e da divulgação dos textos revisados. No entanto, o que é chamado aqui de Revisão Sistemática é um tipo de revisão de literatura que busca responder uma pergunta específica a partir da busca objetiva e da síntese de diversos artigos que investigaram a mesma pergunta – ou semelhante – a partir de métodos homogêneos de coleta e análise. Como será discutido, tal forma de sistematizar, sintetizar e principalmente, de interrogar os trabalhos revisados difere substancialmente de uma Revisão de Escopo, por exemplo.

Além dessa introdução, o artigo está dividido em cinco partes. De início apresentará um breve panorama histórico do surgimento, uso e popularização das RS no campo científico. Em seguida, descreverá o método de elaboração de uma RS na ciência política. Em seguida apresentará as aproximações e distinções entre a RS e outras formas de fazer revisão de literatura acadêmica. Depois serão apresentados alguns limites e potencialidades desse método para a ciência política e, enfim, como conclusão, algumas considerações a respeito das semelhanças

---

<sup>2</sup> “If I have seen further it is by standing on the shoulders of Giants”.

entre Revisões Sistemáticas e Análises de Conteúdo com o propósito de dirimir dúvidas e confusões.

## UM BREVE HISTÓRICO E DEFINIÇÃO

Começo pelo que uma RS *não* é. Ela não é uma substituta para as Revisões Narrativas com abordagens ensaísticas, mais tradicionais nas ciências sociais. Estas têm propósitos distintos. Geralmente conduzidas por cientistas com arcabouço acadêmico estabelecido em determinado campo do conhecimento (Petticrew; Roberts, 2006), são investigações que podem dar uma compreensão de um campo, defender determinado ponto de vista ou ainda como pressuposto ou demarcação do estado da arte em uma pesquisa primária.

Uma RS, por outro lado, deve ser vista como uma pesquisa em si mesma, que busca responder uma pergunta específica (Denyer; Tranfield, 2009) ou ainda testar uma hipótese (Petticrew; Roberts, 2006). Para fazer isso são utilizados métodos que buscam reduzir os vieses na seleção dos estudos que serão incluídos e excluídos da revisão, assim como ferramentas que aumentam a transparência e proporcionam a reprodutibilidade da pesquisa, proporcionando a avaliação da qualidade dos artigos selecionados em sua capacidade teórico-metodológica para responder a pergunta, e possibilitando resumir os estudos, buscando encontrar uma síntese que responda à pergunta de pesquisa (Petticrew, 2001), por vezes recorrendo a métodos estatísticos quando uma meta-análise é possível e desejável.

Tal transparência e rigor metodológico aproximam uma RS mais de um *survey* – em que a unidade de análise são *papers* e não pessoas – ou de uma Análise de Conteúdo do que de uma revisão de literatura tradicional (Petticrew; Roberts, 2006), uma vez que os critérios usados para inclusão de estudos em uma revisão narrativa-ensaística geralmente são conhecidos apenas pela pesquisadora, não sendo rara as vezes que nem mesmo a pesquisadora ou pesquisador consegue objetivar tais critérios (Cooper, 2016).

Para Denyer e Tranfield, uma RS é

[...] uma metodologia específica que localiza estudos existentes, seleciona e avalia contribuições, analisa e sintetiza os dados e relata a evidência de tal forma que permite conclusões a serem alcançadas sobre o que é conhecido e o que não é conhecido. (Denyer; Tranfield, 2009, p. 671, tradução nossa<sup>3</sup>).

3 “[...] a specific methodology that locates existing studies, selects and evaluates contributions, analyses and synthesises data, and reports the evidence in such a way that allows reasonably clear conclusions to be reached about what is known and what is not known”.

As origens de uma metodologia que agrupa estudos que buscam responder a mesma pergunta podem remontar à 1904 com Karl Pearson analisando 11 estudos sobre a eficácia da vacina contra tifoide. Entretanto, a perspectiva tal qual a conhecemos atualmente surge na década de 1980 (Cooper, 2016). O exemplo emblemático ao se falar de RS hoje é o da vitamina C e sua eficácia em prevenir o resfriado comum. Tal concepção partia do livro de 1986 *How to live longer and feel better*, de Linus Pauling, autor que foi vencedor do Nobel. Após uma RS de 61 artigos, Knipschild junto a outros pesquisadores foram capazes não apenas de contradizer a afirmação de Pauling, de que doses grandes de vitamina C preveniam o resfriado, mas de demonstrar que ele deixou cinco artigos relevantes fora de sua análise e citou outros dois apenas de forma superficial (Petticrew; Roberts, 2006). Para citar outro exemplo, em investigação recente através de RS, pesquisadores confirmaram que “As principais áreas de pesquisa da serotonina não fornecem evidências consistentes de que haja uma associação entre serotonina e depressão, e nenhum suporte para a hipótese de que a depressão é causada por atividade ou concentrações de serotonina reduzidas” (Moncrieff *et al.*, 2022, p. 1, tradução nossa<sup>4</sup>).

Com os exemplos anteriores fica evidente a proximidade entre a RS e as ciências médicas e da saúde, sendo incorporada facilmente por disciplinas que tradicionalmente se interseccionam a esses campos, como a psicologia (Cooper, 2016). Em 1993, surge a Cochrane Collaboration e se mantém até hoje como referência na divulgação e desenvolvimento de RS sobre a eficácia de intervenções nas áreas da saúde. Em 1999, a Campbell Collaboration surge com uma proposta análoga à Cochrane para as RS em políticas públicas, educação, criminologia e ciências sociais (Dacombe, 2017; Petticrew; Roberts, 2006), mostrando que as tarefas que podem ser executadas por uma RS não são exclusivas das ciências da saúde (Petticrew, 2001).

Além de avaliar a eficácia de uma intervenção como tradicionalmente feita pela Cochrane e Campbell Collaborations, uma RS pode ser feita, segundo Petticrew e Roberts (2006), com os propósitos de, entre outros, (a) ter uma visão geral das evidências em uma área para direcionar futuras pesquisas, e; (b) quando uma visão acurada de metodologias usadas em determinado tópico é necessária para o desenvolvimento de novas metodologias.

O autor e a autora também questionam a ideia de uma RS ser desnecessária quando um campo é imaturo, pois, mesmo havendo poucos dados disponíveis, uma RS pode colaborar apontando lacunas nas pesquisas empíricas, assim

---

4 “The main areas of serotonin research provide no consistent evidence of there being an association between serotonin and depression, and no support for the hypothesis that depression is caused by lowered serotonin activity or concentrations. Some evidence was consistent with the possibility that long-term antidepressant use reduces serotonin concentration”.

como heterogeneidade de métodos, insuficiência de dados etc, tornando-se assim, por isso mesmo, relevante.

## COMO FAZER UMA REVISÃO SISTEMÁTICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Os manuais para se fazer uma RS são diversos (Schaefer *et al.*, 2019). Cooper (2016), Denyer e Tranfield (2009), Higgins e demais autores (2022), Kitchenham (2004), Petticrew e Roberts (2006), todos esses se dedicaram a desenvolver etapas metodológicas para uma RS. As abordagens de Petticrew e Roberts e as de Cooper são semelhantes, ambas são um protocolo com sete etapas com similaridades notáveis e se dedicam às ciências sociais. Neste artigo será trabalhado o protocolo do Cooper (2016), pois ele sistematiza melhor as etapas, sendo mais conciso, enquanto Petticrew e Roberts expandem as discussões, o que torna as obras complementares.

Independente do manual, área ou autor, uma coisa é de inestimável importância para todo o processo de revisão: a elaboração da pergunta da síntese. Este é o primeiro passo em todos os manuais citados. Para Cooper (2016, p. 24, tradução nossa<sup>5</sup>) é o momento em que as variáveis de interesse são definidas, o momento em que se pergunta “quais conceitos ou intervenções quero estudar?”, Petticrew e Roberts (2006, p. 35, tradução nossa<sup>6</sup>) são categóricos quando dizem “nunca comece uma revisão sistemática sem uma pergunta clara”, Higgins e demais autores (2022, tradução nossa) declaram que “acertar a questão de pesquisa é crucial para o sucesso de uma Revisão Sistemática”. É evidente que essa preocupação se assemelha à preocupação de qualquer pesquisa científica, pois partir de uma pergunta clara e bem construída é metade do caminho para uma pesquisa bem-sucedida.

O manual da Cochrane Collaboration elaborado por Higgins e demais autores (2022) sugere um protocolo para a elaboração da pergunta. O protocolo é representado pelo acrônimo Pico (Population, Intervention, Comparison, Outcome), ele é seguido por outros manuais citados (Denyer; Tranfield, 2009; Kitchenham, 2004) e adaptado por Petticrew e Roberts (2006) para Picoc, acrescentando o “C” de *context* para revisões no âmbito das ciências sociais. Seguindo a adaptação de Petticrew e Roberts (*idem*), temos o seguinte:

---

5 “The first step in any research endeavor is to formulate the problem. During problem formulation, the variables involved in the inquiry are given both abstract and operational definitions. At this stage you ask, “What are the concepts or interventions I want to study?” and “What operations are measurable expressions of these concepts and the outcomes that interest me?” In answering these questions, you determine what research evidence will be relevant (and irrelevant) to the problem or hypothesis of interest”.

6 “The basic rule is: Never start a systematic review until a clear question (or clear questions) can be framed”.

- **População:** Qual a população de interesse? Moradores em situação de rua? Usuários de redes sociais? Eleitores de determinado país? Definir a população é importante para construir os parâmetros de busca posteriormente. Além disso, ter claramente definida a população de interesse ajudará o pesquisador a elaborar critérios de inclusão e exclusão dos trabalhos a serem revisados.
- **Intervenção:** Qual intervenção especificamente se pretende revisar. É possível pensar a intervenção como uma variável. Por exemplo, no caso de moradores em situação de rua, a intervenção relevante pode ser desde uma política pública de acesso à moradia a ações de instituições de caridade. A ideia da intervenção vem da área da saúde, especificamente dos estudos duplo-cegos randomizados na qual um grupo é utilizado como grupo de tratamento, sujeito à intervenção, e o outro como grupo controle ou placebo. Nas ciências sociais são raras as oportunidades para estudos experimentais, no entanto, a intervenção na ciência política pode ser vista como um fenômeno em comum a duas populações, por exemplo. Brasil e Índia reagiram da mesma forma à diminuição do custo dos *smartphones* e consequente ampliação do uso de redes sociais? Essa ampliação do uso de redes sociais pode ser uma intervenção de interesse.
- **Comparação:** Qual o parâmetro para a intervenção? Com o que irá se comparar? Uma política pública com outra? Com a ausência de qualquer política? Como antecipado, na saúde a comparação geralmente se dá entre um grupo de tratamento e um grupo controle. Com o quê podemos comparar na ciência política? Podemos retomar novamente à comparação por semelhança entre Brasil e Índia na ampliação do uso de redes sociais digitais. Ambos os países em desenvolvimento, territorialmente continentais e com uma grande população. Os dois países sofrem com episódios de violência e *fake news* na política. Uma comparação válida.
- **Resultado (outcome):** Aqui pode haver uma miríade de resultados devido à particularidade das ciências sociais, por isso ao elaborar a pergunta de pesquisa, é preciso ter de forma clara quais resultados esperados são os mais relevantes para responder à pergunta. Artigos com resultados sobre eficácia – ou a falta – do letramento digital na crença em *fake news* não responderiam uma pergunta sobre *fake news* e eleições, por exemplo.
- **Contexto:** O contexto em que se busca revisar a intervenção. Revisar efeitos das mídias digitais nas eleições pré-2008 é um contexto muito diferente do contexto entre 2008 e 2016 e, sem dúvida, muito distinto do pós-2016.

Algumas RS na ciência política brasileira já trabalharam com as seguintes perguntas: “como o dinheiro influencia as eleições municipais no Brasil?”

(Sampaio; Figueiredo Filho, 2019, p. 2); “as mídias influenciam os resultados eleitorais?” (Grolla; Nishijima, 2019, p. 23); “qual o impacto do uso do aplicativo Whatsapp nas eleições?” (Schaefer *et al.*, 2019, p. 63). Embora apenas um (Grolla; Nishijima, 2019) dos três trabalhos tenha mencionado alguma forma do protocolo Pico ou Picoc, é possível argumentar que uma boa pergunta de pesquisa intrinsecamente atenderá aos requisitos do protocolo.

Por exemplo, na pesquisa de Schaefer e demais autores (2019), com a pergunta “qual o impacto do uso do aplicativo Whatsapp nas eleições?” podemos identificar a população (usuários do Whatsapp); a intervenção (o uso do aplicativo para trocar mensagens sobre eleição); a comparação (a forma específica de como a troca de informação ocorre nas novas mídias em relação às tradicionais); o resultado (o que esse tipo de comunicação política produz); e o contexto (o atual momento das democracias no mundo e todas as suas particularidades).

A segunda etapa de Cooper (2016) é a busca pela literatura. Neste momento definimos os elementos que serão pesquisados, a população e a definição de uma amostra. Em pesquisas primárias nas ciências sociais geralmente esses elementos são pessoas, grupos, instituições, entre outros. Em uma RS existe a complicação de tentarmos analisar dois alvos, primeiro queremos encontrar estudos que tenham analisado e respondido a nossa pergunta, e depois que esses estudos sejam capazes de, uma vez agrupados, dizer algo que, antes atomizados, não eram capazes de dizer.

É nesse momento que se define onde irá se fazer a busca dos trabalhos – bancos de dados digitais, bibliotecas... –, se serão usados apenas trabalhos publicados ou também literatura cinzenta<sup>7</sup>, que se definem as *strings* de buscas, que se definem os critérios de inclusão e exclusão.

A terceira etapa para Cooper (2016) é a de coletar informações dos estudos. Em uma RS, se faz extraindo dos estudos os dados a que se atribuiu relevância para nos informar algo acerca daquela literatura, desde dados metodológicos, formais e teóricos à informação de como o estudo foi realizado. Cada artigo se torna uma unidade de análise e as informações a serem extraídas vão depender da pergunta que se busca responder, dos padrões encontrados, das categorias desenvolvidas pelo pesquisador ou pesquisadora.

A quarta etapa é a de avaliar a qualidade dos estudos. Este é um momento delicado da RS, principalmente para as ciências sociais. Nas ciências da saúde existe uma hierarquia de evidências protocolada *a priori* que orienta que tipo de desenho metodológico buscar quando se deseja responder a uma pergunta de

---

7 Trabalhos que não são acessíveis pelos canais tradicionais de divulgação científica (Botelho; Oliveira, 2017).

determinada natureza através de uma RS. Não existe cientista social, por mais *hard* que seja, que estaria de acordo em ter uma categorização semelhante nas ciências sociais.

Pela impossibilidade epistemológica de se fixar uma pirâmide de relevância *a priori* para as evidências na ciência política, os critérios para estabelecer a qualidade dos trabalhos para uma RS se dão a partir da “competência”<sup>8</sup> que um artigo tem para agregar à resposta da síntese (Cooper, 2016). Por exemplo, um artigo que estuda a alfabetização digital fora de um contexto eleitoral como forma de diminuir a disseminação de *fake news* não tem qualidade para responder à RS que pergunta “qual o impacto das fake news nas eleições”, ou ainda, um trabalho sobre contratos e licitações no nível municipal para responder “como o dinheiro influencia o resultado das campanhas políticas nas eleições municipais”. Existem autores que usam critérios como a classificação da qualidade do periódico em que o artigo foi publicado (Tassitano *et al.*, 2007), embora Denyer e Tranfield (2009, p. 680, tradução nossa<sup>9</sup>) aconselhem os pesquisadores a evitarem “o uso da classificação de qualidade de periódicos como base para exclusão”, inclusive argumentam a favor da heterogeneidade dos métodos, prática desaconselhada nas ciências médicas ou ao se fazer uma meta-análise em conjunto com a RS.

A quinta etapa é a de analisar e de integrar os resultados dos estudos. Aqui é que se pondera se será possível e desejável fazer uma meta-análise. Tipicamente feita a partir de dados quantitativos, uma meta-análise é um agrupamento de vários *n* menores para formar um *n* maior com maiores possibilidades de inferências. Geralmente métodos estatísticos robustos são utilizados para determinar heterogeneidade dos dados e inferências mais seguras como o *d* de Cohen para comparar duas médias e desvio padrão, qui-quadrado e outros. Entretanto, não é só por ter a ferramenta disponível que se deve usar.

Não será toda RS que precisará ser acompanhada de uma meta-análise e parte das que são, provavelmente não deveriam ser (Petticrew, 2001). Métodos de análises qualitativa e mistas como Análise de Conteúdo, Análise do Discurso, e a própria técnica ensaística hermenêutica podem ser usadas para analisar e integrar resultados na ciência política.

A sexta etapa é a de interpretar as evidências. As RS na ciência política além de analisarem quantitativamente elementos da produção investigada

---

8 Esse termo parte da minha compreensão. O Cooper usa apenas “qualidade”, mas entendi que o sentido dele se parece com o significado de competência jurídica, algo mais formal que valorativo.

9 “In particular, reviewers are best advised to guard against using proxies for research quality such as the quality rating of journals as a basis for exclusion”.



que possam ajudar a responder a pergunta de pesquisa, fazem também análises substantivas, algumas bem densas, sobre os resultados encontrados pelos estudos individuais e embora haja uma evidente dificuldade em se generalizar inferências nas ciências sociais, é possível encontrar padrões na amostra, como o trabalho de Schaefer e demais autores (2019) que mostrou uma relação entre a forma de utilizar o WhatsApp e o nível de liberdade de uma democracia.

A sétima e última etapa é a da socialização dos resultados. Essa etapa pode seguir diversos modelos, do ensaio livre ao artigo tradicional, sendo o último o mais recomendado. As instituições especializadas em RS podem adotar até mesmo protocolos de itens que devem constar nos materiais de divulgação de resultados, o mais conhecido deles é o Prisma (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses<sup>10</sup>), recomendado pela Cochrane e pela Campbell Collaboration.

Os itens do Prisma foram pensados para relatórios de RS na saúde, entretanto, alguns deles são úteis para os artigos de revisão na ciência política, enquanto outros servem de base para adaptações. Devem fazer parte da divulgação dos resultados de uma RS na ciência política itens como (a) a clara especificação dos critérios de inclusão e exclusão dos textos utilizados na revisão; (b) as bases utilizadas para encontrar os artigos, assim como arquivos públicos físicos, caso tenha feito uso; (c) a estratégia de busca utilizada; (d) lista dos textos utilizados na revisão; (e) características dos estudos individualmente; (f) resultados individuais dos trabalhos revisados; (g) resultados da síntese; e (h) uma discussão substantiva acerca do que foi encontrado com a síntese, tenha sido ela qualitativa ou quantitativa. Essa lista de modo algum é exaustiva, pelo contrário, são alguns itens retirados do protocolo Prisma. O esforço de padronização semelhante nas ciências sociais pode se mostrar frutífero, uma vez que, mesmo pesquisadores e instituições que realizam RS com frequência, utilizam esse protocolo nativo da área da saúde.

## **DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE REVISÃO E SISTEMÁTICA, REVISÃO DE ESCOPO**

Há ainda muita confusão com a diversidade de revisões de literatura na ciência política brasileira. Em parte, por ser algo novo nas ciências humanas que tradicionalmente usavam as Revisões Narrativas como padrão e vista por muitos como única forma de revisão de literatura, apesar do manual do Cooper ter sido

---

10 Itens prioritários para relatório de Revisão Sistemática e Meta-análise (tradução nossa).

lançado pela primeira vez em 1986. Por outro lado, a confusão também se dá por ser algo incipiente na produção mundial na área das humanidades e a maioria dos trabalhos serem em outro idioma. Entretanto a confusão não é apenas nas humanas, é comum na área da saúde a confusão entre RS e meta-análise, esta última sendo uma técnica quantitativa que pode ser ou não utilizada no *corpus* construído para a revisão.

Como dito na introdução, o termo “revisão sistemática” é também usado como um guarda-chuva para várias formas de sistematização da literatura revisada. Entretanto, em manuais e discussões metodológicas como Petticrew e Roberts (2006) e Cooper (2016), a RS é uma forma específica de lidar com a síntese de trabalhos anteriores, diferente da Revisão de Escopo.

De forma breve, uma Revisão de Escopo difere-se de uma RS principalmente pela especificidade de sua pergunta de síntese. Para Juliano, Clemente e Madeira (2023), com relação à RS, uma Revisão de Escopo

Também mobiliza estratégias estritas, entretanto, não pretende responder a uma questão de pesquisa tão específica como a revisão sistemática. Embora escrutine os materiais encontrados, sua diferença fundamental está na natureza da questão endereçada à bibliografia. Sua pergunta é mais ampla (Juliano; Clemente; Madeira, 2023, p. 3).

Petticrew e Roberts (2006) também assumem essa distinção. Para eles, uma revisão de escopo é ideal quando utilizada de forma exploratória, anterior a uma RS. Dessa forma, a Revisão de Escopo responderia uma pergunta abrangente sobre determinado fenômeno e possibilitaria a construção de perguntas específicas a serem respondidas por uma RS posterior.

Quadro 1 – Comparação entre Revisão Sistemática e Revisão de Escopo

Tipo de Revisão	Definição	Principais características
Revisão Sistemática	Uma revisão de literatura que busca responder uma pergunta de pesquisa específica e objetiva utilizando síntese quantitativa, qualitativa ou ambas em artigos com pergunta de pesquisa semelhante e métodos homogêneos.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pergunta específica</li> <li>• Sistematização da busca</li> <li>• Sistematização da análise</li> <li>• Pode utilizar análise quantitativa</li> <li>• Pode utilizar análise qualitativa</li> <li>• Corpus com métodos homogêneos e perguntas semelhantes.</li> </ul>

Tipo de Revisão	Definição	Principais características
Revisão de Escopo	Uma revisão que faz uma busca ampla na literatura de interesse através de uma pergunta generalizante. Tem utilidade em si mesma, entretanto é otimizada ou explorar determinada questão antes da formulação de uma pergunta específica para uma Revisão Sistemática	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pergunta ampla</li> <li>• Sistematização da busca</li> <li>• Sistematização da análise</li> <li>• Pode utilizar análise quantitativa</li> <li>• Pode utilizar análise qualitativa</li> <li>• Corpus com métodos, teorias heterogêneas</li> <li>• Corpus com perguntas de pesquisa diversas</li> </ul>

Fonte: elaborada pelo autor.

## LIMITES E POSSIBILIDADES DO USO DAS REVISÕES SISTEMÁTICAS NA CIÊNCIA POLÍTICA

É possível dizer que as RS são um pilar nas investigações acadêmicas nas áreas da saúde (Petticrew, 2001), embora, felizmente, não estejam livres de críticas relevantes. Todavia são alvo também de críticas infundadas principalmente de médicos que veem na “saúde baseada em evidência” uma ameaça à autonomia médica. Algumas dessas críticas foram discutidas por Petticrew (2001). Importante salientar que transportar os métodos das áreas da saúde para as ciências sociais de forma idêntica é algo indesejável, quiçá impossível após décadas de debates e esclarecimentos acerca das idiossincrasias ontológicas e epistemológicas que distinguem ambas as áreas (Sartori, 1997).

No entanto, essa outra forma de se fazer revisões de literatura pode ser uma ferramenta que ajudaria a ciência política a alcançar objetivos que uma revisão narrativa-ensaística não poderia e ainda ajudar no planejamento de novas pesquisas empíricas primárias. É com a finalidade de fazer essa apologia que Dacombe (2017) dedica seu artigo. Nele, entre outros aspectos, Dacombe se empenha em discutir três críticas do campo das ciências sociais às RS. Serei breve ao sintetizá-las.

A primeira crítica que ele traz se refere a percepção de que uma RS é estritamente positivista, principalmente pelo caráter da hierarquia de evidência usada na área da saúde (Dacombe, 2017). Para responder a isso ele recorre a Petticrew e Roberts (2006) para dizer que além da pirâmide de evidências não

ser necessária para a ciência política, ela, conforme sugerida pela Cochrane, é antes um guia para orientar a busca por evidência para determinada pergunta do que uma categorização definitiva da pureza de evidências para todos os propósitos. Ainda que fosse, acrescento, como disse, essa é uma questão pacificada nas ciências sociais. Décadas de debates epistemológicos já dotaram a ciência política de ferramentas para lidar com essa questão e a solução adotada por outras ciências sociais aplicadas parece ser válida também para a ciência política. No caso, uma avaliação da competência do estudo e a busca pela heterogeneidade para se ter uma noção holística da produção e dos resultados.

A segunda crítica que Dacombe se empenha em discutir é a de que as RS subestimam trabalhos qualitativos. Ele argumenta que é uma visão equivocada que parte também do olhar para a hierarquia de evidências da medicina, mas que o tipo de análise ou de estudo a que uma RS vai se dedicar, depende da pergunta que ela faz (Dacombe, 2017). Acrescento que desde 1994 com a publicação de *Designing social inquiry: scientific inference in qualitative research* por Gary King, Robert Keohane e Sidney Verba que o debate metodológico na ciência política está localizado exatamente neste lugar, o de mais do que simplesmente fazer um trabalho “quali-quantitativo”, buscar um método misto que interseccione as “culturas” qualitativa e quantitativa (Mahoney, 2010; Rezende, 2015). Portanto, uma abordagem hermenêutica sobre os dados de uma RS não apenas é possível como é desejado.

Por último, ele responde a crítica que a meu ver é a mais sofisticada das três, a de que uma RS é vaga de teoria. A preocupação é em agrupar trabalhos que partiram de fundamentações teóricas distintas sem levar isso em consideração. A resposta é dada a partir de Petticrew (2001), para quem uma RS densa teoricamente irá fornecer as ferramentas para selecionar e avaliar os estudos. Além disso, continua Dacombe (2017, p. 6, grifo nosso, tradução nossa<sup>11</sup>),

[...] revisões sistemáticas têm uma contribuição óbvia a dar ao testar pressupostos teóricos. Na ciência política, as questões de teoria raramente estão assentadas ou determinadas, e *insights* importantes sobre a validade das afirmações normativas podem ser alcançados por meio de síntese empírica.

Em suma, a busca pela heterogeneidade – quando não se trata de uma meta-análise –, por uma compreensão holística e hermenêutica e a possibilidade de transformar os diferentes aportes teóricos em uma variável que pode acrescentar à síntese, são formas possíveis de lidar com essa questão.

11 “[...] systematic reviews have an obvious contribution to make in testing theoretical assumptions. In political science, questions of theory are rarely settled, and important insights into the validity of normative claims can be reached through empirical synthesis”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de RS se tornou a forma mais eficiente de avaliar evidências nas ciências da saúde principalmente devido a seu baixo custo tanto no que se refere a financiamento quanto a tempo de produção, pois permite, através de uma meta-análise, examinar resultados de vários estudos individuais com n-pequeno em um grande “meta-estudo” com n-grande. Isso só é possível devido a ontologia do conhecimento nas ciências da saúde permitir uma padronização na forma de tratar as intervenções, as modelagens estatísticas, os desenhos de grupos focais e de testes duplo-cegos randomizados. É importante não confundir RS e meta-análise, como dito anteriormente, são técnicas distintas que podem ser aplicadas em conjunto.

Contudo, cresce o interesse das ciências sociais, sobretudo da ciência política, nessa metodologia de revisão de literatura, pois, ainda com as especificidades ontológicas e epistemológicas das ciências sociais que não permitem uma padronização de técnicas, métodos e intervenções tão rígidas como nas ciências naturais, a objetividade e amplitude oferecida pela RS garantem para a ciência política que as pesquisas produzidas sobre determinados temas, variáveis, políticas públicas etc, possam ser avaliadas de forma mais coerente com o próprio método científico.

A semelhança entre a RS nas ciências sociais e uma Análise de Conteúdo (AC) não é fruto de coincidência. Muito antes de KKV, Bardin publicou em 1979 seu manual de AC que tinha como preocupação estruturar uma análise qualitativa, tantos outros manuais que se debruçam sobre AC acabam destacando o objetivo principal dessa técnica que é a de produzir inferências válidas e replicáveis (Bardin, 2016; Krippendorff, 2004; Sampaio; Lycarião, 2021), desse modo, a preocupação da AC “está assentada em três princípios básicos da ciência, a saber: validade, confiabilidade e replicabilidade” (Sampaio; Lycarião, 2021, p. 16). A preocupação da RS nas ciências sociais está justamente com esses três princípios. Dessa forma, o que uma RS faz é utilizar o método científico para realizar uma revisão de literatura que seja capaz de responder uma pergunta de pesquisa.

O esforço em utilizar RS nas ciências sociais é incipiente, principalmente no Brasil, e o presente artigo se propõe a ser uma pequena contribuição para a discussão, apesar de suas limitações. O referencial teórico e metodológico, apesar de ser o estado da arte ao se discutir RS, é pouco diverso e oriundo principalmente da psicologia, o que imprime ao texto um viés com relação a certo otimismo em encontrar na ciência política um nível mínimo de homogeneidade metodológica e teórica. Tal viés é ponderado ao apresentar as respostas de

Dacombe (2017) sobre como as RS podem ser uma ferramenta que pode ajudar a ciência política a testar seus métodos e teorias.

Por fim, Cooper (2016) nos lembra que a ciência é um grande quebra-cabeça e todo o tempo que cada pesquisador coloca em suas pesquisas é apenas uma singela contribuição na solução de uma parte do quebra-cabeça ou a introdução de uma parte nova, mas nunca a solução do todo. Revisões Sistemáticas podem assumir um papel importante no quebra-cabeça da ciência política colaborando com o avanço substantivo de premissas e teorias, mas principalmente com o amadurecimento metodológico dessa disciplina tão novata.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOTELHO, R. G.; OLIVEIRA, C. da C. de Literaturas branca e cinzenta: uma revisão conceitual. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 44, n. 3, p. 501-513, set./dez. 2017. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1804>. Acesso em: 12 ago. 2022.

COOPER, H. *Research synthesis and meta-analysis: A step-by-step approach*. 5. ed. Londres: SAGE, 2016.

CROSSAN, M.; APAYDIN, M. A Multi-Dimensional Framework of Organizational Innovation: A Systematic Review of the Literature. *Journal of Management Studies*, [United Kingdom], v. 47, n. 6, p. 1154-1191, 2010.

DACOMBE, R. Systematic Reviews in Political Science: what can the approach contribute to political research? *Political Studies Review*, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 148-157, 2017.

DENYER, D; TRANFIELD, D. Producing a Systematic Review. In: BUCHANAN, D; BRYMAN, A. (eds). *The SAGE Handbook of Organizational Research Methods*. London: SAGE Publishing, 2009. p. 671-689.

FIGUEIREDO FILHO, D. B. *et al.* O que é, para que serve e como se faz uma meta-análise? *Teoria & pesquisa*, São Carlos, v. 23, n. 2, p. 205-228, 2014.

GREENHALGH, T. Diffusion of Innovations in Service Organizations: Systematic Review and Recommendations. *The Milbank Quarterly*, [s. l.], v. 82, n. 4, p. 581-629, 2004.

GROLLA, G.; NISHIJIMA, M. A influência da mídia em resultados eleitorais: uma revisão sistemática. *BIB*, São Paulo, n. 89, p. 1-26, 2019.

HIGGINS, J. P. T. *et al.* (eds.). *Cochrane Handbook for Systematic Reviews of Interventions version 6.3*. London: Cochrane, 2022. Disponível em: [www.training.cochrane.org/handbook](http://www.training.cochrane.org/handbook). Acesso em: 9 nov. 2024.

- JULIANO, M. C.; CLEMENTE, A. J.; MADEIRA, L. M. Mudança ou continuidade na política de combate à pobreza de Cardoso a Lula: uma revisão de escopo. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 31, p. 1-26, 2023.
- KITCHENHAM, B. *Procedures for performing systematic reviews Technical*. Keele: Keele University and NICTA, 2004.
- KRIPPENDORFF, K. *Content analysis: an introduction to its methodology*. Londres: Sage, 2004.
- MAHONEY, J. After KKV: The New Methodology of Qualitative Research. *World Politics*, [s. l.], v. 62, n. 1, p.120-147, 2010.
- MONCRIEFF, J. *et al.* The serotonin theory of depression: a systematic umbrella review of the evidence. *Molecular Psychiatry*, London, v. 28, p. 3243-3256, 2022.
- NEWTON, I. [Correspondência]. Destinatário: Robert Hooke. [S. l.], 1965. 1 cartão pessoal. Disponível em: <https://digitallibrary.hsp.org/index.php/Detail/objects/9792#>. Acesso em: 9 nov. 2024.
- PETTICREW, M. Systematic Reviews from Astronomy to Zoology: myths and Misconceptions. *British Medical Journal*, London, v. 322, p. 98-101, 2001.
- PETTICREW, M.; ROBERTS, H. *Systematic Reviews in the Social Sciences: A Practical Guide*. Oxford: Blackwell, 2006.
- REZENDE, F. da C. Transformações Metodológicas na Ciência Política Contemporânea. *Revista Política Hoje*, Recife, v. 24, p. 13-45, 2015.
- SAMPAIO, D.; FIGUEIREDO FILHO, D. Como o dinheiro influencia as eleições municipais no Brasil: uma revisão sistemática. *BIB*, São Paulo, n. 88, p. 1-25, 2019.
- SAMPAIO, R. C.; LYCARIÃO, D. *Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação*. Brasília, DF: Enap, 2021. (Coleção Metodologias de Pesquisa).
- SARTORI, G. *A política: lógica e métodos nas Ciências Sociais*. 2. ed. Brasília DF: EdUNB. 1997.
- SCHAEFFER, B. M. *et al.* Qual o impacto do Whatsapp em eleições? Uma revisão sistemática (2010-2019). *Revista debates*, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 58-88, set./dez. 2019.
- TASSITANO, R. M. Atividade física em adolescentes brasileiros: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 55-60, 2007.